**Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus UnisulVirtual**

**Unidade de aprendizagem Virtual: Teoria do conhecimento**

**Transcrição acessível da web aula, unidade 2, “As teorias do conhecimento na modernidade”, disponível no EVA.**

**Prof.** Dante Carvalho Targa

Parte 1 – Introdução

Olá caros alunos da Teoria do Conhecimento, eu sou o professor Dante Targa e nessa webaula você aprendera um pouco mais sobre as Teorias do Conhecimento na modernidade. O que faremos aqui é uma breve retrospectiva do problema do conhecimento ao longo dos primeiros séculos do pensamento moderno. Dessa forma você poderá compreender melhor a oposição entre o racionalismo e o empirismo no século dezessete e seus desdobramentos na história da filosofia.

Parte 2

A epistemologia ou Teoria do Conhecimento é um dos ramos da filosofia que se tornou muito proeminente no século vinte, passando inclusive a ocupar o lugar das discussões mais abstratas e metafisicas que integravam o pensamento filosófico tradicional. Para compreender essa isenção do pensamento epistemológico vamos partir da tese proposta por Marilena Chaui no seu texto “A preocupação com o conhecimento”, segundo Chaui ainda que desde a antiguidade as questões sobre o conhecimento façam parte das reflexões da diferentes filósofos, na filosofia grega e no pensamento medieval todos os questionamentos filosóficos giravam em torno da questão do ser, porem o nascimento da filosofia moderna as atenções recaem sobre o ato de conhecer sobre suas condições e possibilidades. As palavras da autora “Quando se diz que a teoria do conhecimento tornou-se uma disciplina especifica da filosofia somente com os filósofos modernos (a partir do século dezoito) não se pretende dizer que antes deles o problema do conhecimento não havia ocupado outros filósofos, e sim que, para os modernos, a questão do conhecimento foi considerada anterior a da ontologia e pré-condição para a filosofia e as ciências”. Em outras palavras, a filosofia moderna tem início a partir da busca por um fundamento seguro para o conhecimento, antes de tentar explicar a essência da realidade faz-se necessário uma reflexão sobre a validade dos meios pelos quais adquirimos nosso conhecimento sobre o mundo, tais princípios nos levam diretamente as ideias de Descartes em sua obra meditações.

Parte 3

Em 1641, Descartes escreveu a obra “ Meditações de Filosofia Primeira” que se tornou um marco do pensamento filosófico moderno, preocupado em esclarecer o que podemos conhecer com segurança, o filosofo francês inicia a primeira das seis meditações aplicando o método da dúvida, seu objetivo era tentar duvidar de tudo aquilo que aprendeu ao longo de sua vida chegando a suspender todos os seus juízos de conhecimento até encontrar um princípio totalmente seguro do qual não pudesse mais duvidar. Levando ao estremo seus questionamento, Descartes termina a primeira meditação com a chamada dúvida hiperbólica, isto é, o problema cético sobre a existência do mundo exterior. Afinal, como ter certeza absoluta que existe de fato um mundo fora de meu pensamento, se os sentidos já me enganaram muitas vezes, quais provas independentes da minha percepção podem confirmar a existência da realidade em que julgo me encontrar. Como provar que agora mesmo não me encontro sonhando, em resposta a esse problema Descartes chega a uma verdade que considerou indubitável “Se estou duvidando, estou pensando. E se estou pensando, estou existindo. Portanto, Penso, logo existo”. A partir desse princípio fundamental o filosofo reconstrói o edifício do saber buscando outras verdades de razão, independente de nossas percepções sensíveis, entre elas figura o pressuposto da existência de Deus. A resposta cartesiana ao problema cético do mundo exterior adota uma perspectiva racionalista, mas ao mesmo tempo se apoia no pressuposto da existência de Deus como origem de nossas ideias verdadeiras. Nos séculos que se seguiram, muitos filósofos contestaram os argumentos cartesianos de modo que o problema cético da existência do mundo exterior permaneceu como um grande desafio para a filosofia, sendo respondido de várias formas por diferentes pensadores. Mas aqui vamos deixar de lado a questão cética, pois nos interessa compreender a continuidade das reflexões epistemológicas no século dezessete.

Parte 4

A filosofia cartesiana ficou conhecida como racionalismo, por considera a razão ou intelecto humano a base de todo o nosso conhecimento. Vamos compreender isso melhor, ao concluir o que penso logo existo, Descartes jugou ter encontrado uma representação clara e distinta da qual não poderia mais duvidar. Em outras palavras, uma ideia dada pela razão foi capaz de lhe fornecer uma certeza que nenhuma outra de nossas fontes de conhecimento puderam oferecer, assim para Descartes o fundamento para o conhecimento encontra-se nas representações racionais sobre o mundo as quais derivam da razão e não de nossas experiências sensível, o argumento cartesiano pode ser resumido da seguinte forma: Se sou capaz de conhecer a mim mesmo através do pensamento. E se o pensamento consiste em representações do real em meu intelecto. Então, através de uma avaliação criteriosa da clareza e distinção dessas representações posso obter um conhecimento mais seguro sobre o mundo do que aquele fornecido pelos meus sentidos. Ou seja conhecemos as verdades sobre as coisas por meio da razão e não da percepção sensível, por meio do exame cuidadoso a razão é capaz de encontrar em si mesma certa ideias verdadeiras. Para Descartes algumas dessas ideias são inatas, isto é, já estão presentes no intelecto humano desde o nascimento, eis a base do que se chamou o racionalismo cartesiano, o qual influenciou amplamente o pensamento europeu do século dezessete. Após Descartes, outros grandes filósofos são incluídos na corrente racionalista, como Spinoza e Leibiniz dos quais falaremos mais adiante. Ainda com filosofias distintas entre si, esses pensadores mantiveram-se ligados a concepção do intelecto como elemento fundamental para a cognição humana.

Parte 5

Em resposta ao racionalismo, surge na Inglaterra outra tradição filosófica denominada empirismo. Inspirados pelas ideias de Francis Bacon, os empiristas ingleses enfatizavam a experiência como ponto de partida para o conhecimento verdadeiro. Embora próximo as ideias de Descartes em alguns aspectos, os empiristas descordavam do pressuposto que somente a razão constituía a base para o conhecimento. Filósofos como Thomas Hobbes e John Locke, argumentavam que ainda organizado pelo intelecto todo o nosso conhecimento depende das percepções sensíveis, afinal sem as sensações não podem haver ideias. O empirismo tentava explicar toda a natureza a partir da concepção mecanicista, isto é das relações causais entre os corpos e seus movimentos, neste sentido também o conhecimento era visto como uma espécie de movimento do intelecto causado pelas impressões dos objetos sensíveis em nos. Em outras palavras as ideias surgem como reações aos estímulos que recebemos de nossa percepção sensorial, os dois primeiros séculos da filosofia moderna foram marcados por um extenso debate entre o racionalismo e o empirismo. Tal debate permaneceu fundamentalmente orientado pela questão do conhecimento, e a principal questão presente nesta disputa giravam em torno da natureza das ideias ou representações. Afinal, o que são ideias e de onde elas vem, quais os tipos mais fundamentais de ideias e como garantir que elas correspondem a realidade, essas são questões epistemológicas importantes que serão respondidas de forma diferente por racionalistas e empiristas, dando origem as primeiras obras filosóficas especificamente dedicadas a teoria do conhecimento. Entre elas o Ensaio sobre o entendimento humano de John Locke e o Tratado sobre os princípios do conhecimento humano de Berkeley.

Parte 6

Como vimos, o principal embate entre racionalistas e empiristas se deu em torno da origem das ideias. Ambas correntes filosóficas consideravam ideias como representações, isto é, como uma espécie de imagem da realidade presente em nossa mente. Descartes afirmava que certas ideias verdadeiras são inatas, ou seja, encontra-se em nossa alma desde o nosso nascimento e não dependem em nada da nossa experiência. Para o pensador francês, as ideias inatas são como a assinatura do criador na alma humana, já os empiristas rejeitavam completamente a existência das ideias inatas afirmando que todas as nossas ideias são formadas a partir das experiências sensíveis. Segundo John Locke a alma humana em uma criança recém nascida se assemelha a uma folha em branco, onde serão gravadas as primeiras impressões dos sentidos. Vamos agora comparar essa duas concepções epistemológicas, para Descartes as ideias inatas não tem origem externa encontram-se desde sempre na alma humana, alguns exemplos de ideias inatas são o próprio cogito a conclusão de que penso e logo existo, as verdades matemáticas e principalmente a ideia de Deus. Além das ideias inatas, Descartes afirmava existir mais dois tipos de ideias, de fato as nossas sensações e também a imaginação são capazes de produzir representações em nossa mente, assim as ideias adventícias aquelas que nos advém através das experiências sensíveis e ideias fictícias, aquelas que criamos a partir de outras ideias que dispomos. Como a representação de um unicórnio por exemplo, onde unimos a ideia de um cavalo com a ideia de um animal com um só chifre. Em resumo, o racionalismo cartesiano tendia a desconfiar da veracidade das ideias adventícias pois essas dependiam inteiramente da percepção sensível que muitas vezes podem nos enganar, já as ideias fictícias são fruto direto da nossa imaginação sendo pouco digna de credito no que se refere ao conhecimento verdadeiro. O conhecimento portanto encontram-se mais propriamente na razão que é capaz de reconhecer as ideias verdadeiras, para o racionalismo a experiência desempenha um papel secundário no processo de conhecer. Vejamos agora a outra parte do quadro, vamos analisar a teoria do conhecimento empirista tomando como exemplo as reflexões de John Locke, um dos mais destacados filósofos do século dezessete. Uma vez que para os empiristas não existem ideias inatas, todas as nossa ideias são adventícias, isso é, formam-se como resultado das informações transmitidas por nossos cinco sentidos. Mesmo as ideias fictícias criadas pela imaginação nada mais são que a composição de ideias mais simples advindas das experiências, assim, por ter visto várias vezes alguns cavalos, temos na nossa mente a representação de um cavalo e o mesmo com as outras coisas, entretanto nem todas as nossas ideias são simples memorias perceptivas. Nos ensaios sobre o entendimento humano, John Locke aprofunda sua teoria do conhecimento desenvolvendo uma doutrina das ideias. Segundo John Locke, as ideias simples provem diretamente da experiência, temos a experiência externa da qual derivam as ideias simples de sensação e a experiência interna de onde provem as ideias simples de reflexão. Mas nossa mente é capaz de formar ideias complexas, combinando ideias simples entre si ou separando algumas ideias de outras para compor nossos gerais, assim o entendimento humano opera com diferentes níveis de ideias, aquelas que designam substancia, assim designam modos ou qualidades de substancias e as que indicam relações. A partir desse esquema conceitual, Locke afirma que o conhecimento consiste nas relações de acordo ou desacordo que o intelecto estabelece entre nossas ideias, por tanto na perspectiva empirista ainda que a razão tenha um importante papel de gerenciar ideias simples e compor ideias complexas, nada disso seria possível sem a experiência sensível. Por aprofundar com mais rigor a reflexão sobre o modo de operação do intelecto e a formação do conhecimento as ideias empirista obtiveram larga aceitação no século dezessete alinhando-se com o ideal cientifico de pesquisa experimental, entretanto o debate com os racionalistas estendeu-se até o século seguinte dividindo opiniões e promovendo a teoria do conhecimento como uma área em ascensão no pensamento filosófico moderno.

Parte 7

Agora que você já conhece a oposição entre racionalistas e empiristas vamos montar um quadro para observar os desdobramentos dessas correntes na história da filosofia moderna, o racionalismo deriva das ideias de Descartes as quais influenciaram de diferentes formas todos os pensamentos filosófico do início da modernidade. Mas um grupo particular de pensadores no século dezessete, aceitou sem reservas o pensamento cartesiano tentando aprofundar as ideias do filosofo francês e solucionar alguns problemas filosóficos que resultavam de seu pensamento com a polemica da separação entre a alma e o corpo. O principal entre esses filósofos cartesianos foi o padre Nicolas Malebranche, que afirmava que a alma estava separada de todas as coisas e apenas tem união direta com Deus. Tudo que o espirito conhece são ideias provenientes da visão de Deus, a alma não tem contato direto com os corpos o próprio Deus produz na alma humana os sentimentos que a tocam por ocasião das mudanças corpóreas, essa doutrina ficou conhecida como ocasionalismo e Malebranche foi seu principal representante. Repare que enquanto o pensamento de Descartes se direcionava ao problema do conhecimento, Malebranche desloca o centro da reflexão para a questão metafisica, influenciando os pensadores que o sucederam. Spinoza ofereceu uma solução diferente ao problema cartesiano da conformação entre a alma e o corpo, desenvolvendo um sistema filosófico panteísta, em termos práticos isso significa que tudo é Deus. Na filosofia de Spinoza o homem é compreendido como a união de alma e corpo e este entendidos como modificações dos atributos de Deus, Spinoza supunha que tudo que conhecemos são só duas qualidades infinitas de Deus a extensão e o pensamento. Existe então uma sincronia entre essas duas realidades de modo que a ordem das ideias caminha paralela a ordem dos corpos. Todas as nossas ideias portanto correspondem necessariamente a ordem das coisas, ideias e coisas são duas faces diversas do mesmo acontecimento. Na concepção de Spinoza, o conhecimento trazido pelas sensações mostra apenas uma impressão confusa da realidade embora tenha utilidade pratica. O conhecimento racional é aquele que capta as ideias e as reações causais entre as coisas, por fim o conhecimento intuitivo se refere a uma compreensão mais ampla ou seja a visão de todas as coisas na visão de Deus. Outro grande filosofo foi Leibniz que leva adiante algumas ideias de Spinoza construindo um sistema metafisico extremamente original, a doutrina das mônadas. Leibniz discordava da concepção panteísta de Spinoza, para ele tudo que existe são substancias simples chamadas de mônadas, Deus é a mônoda suprema e todas as demais criaturas também são mônodas, mas limitada por sua existência no tempo e no espaço. Cada mônoda é uma substancia individual e única, que representa seu modo todo o universo a partir de seu próprio ponto de vista, a uma hierarquia entre as mônodas de modo que as suas percepções do todo são limitadas conforme a sua maior ou menor capacidade de expressão. Toda a mônoda expressa confusamente o universo, mas algumas delas possuem percepções claras e distintas responsáveis pelo pensamento racional.

O conhecimento portanto seria uma aptidão natural das mônodas, atingindo graus mais elevados de expressão nos espíritos racionais. Mas para Leibniz as mônodas são sistemas fechados, todas as suas percepções resultam de uma sequência interna sem qualquer influência externa. Há portanto uma harmonia pré-estabelecida por Deus que regula e ordena a priori as percepções de todas as mônodas no universo. Como você pode ver, embora todos esses filósofos sejam considerados racionalistas suas teorias são bastante diferentes entre si, o que os une entretanto é justamente o pressuposto de que o conhecimento verdadeiro se estabelece em uma relação interna geralmente conectada a uma fonte absoluta representada por Deus. Em resumo, permanece em comum a hipótese das ideias inatas, vejamos agora a outra vertente do nosso quadro.

Parte 8

O racionalismo se estabeleceu como uma tendência filosófica especulativa gerando a partir de cada pensador uma diversidade de sistemas e doutrinas, já o empirismo em virtude da sua ênfase na experiência se assemelha mais a um programa cientifico onde os diferentes pensadores contribuíram gradativamente para a construção de uma só compreensão filosófica sobre o conhecimento. Ainda assim, a elementos importantes nas ideias de seus membros mais destacados. Francis Bacon pode ser considerado o grande percussor da corrente empirista, preocupado em fundar um método para a ciência o filosofo enfatizava a observação dos fatos e a construção de um conhecimento que pudesse ser comprovado pela experiência. Em seguida, Thomas Hobbes aprofundou as ideias de Bacon associando ao pensamento empirista a dedução matemática desenvolvida por Descartes. Hobbes considerava que nossos pensamentos são como aparências dos objetos fora de nós, assim a origem de todos os nossos pensamentos direta e indiretamente são as sensações trazidas pelos sentidos. Após Hobbes, John Locke tornou-se um dos mais destacados filósofos empirista desenvolvendo sua teoria do conhecimento a partir da distinção entre ideias simples e ideias complexas como vimos. O bispo irlandês George Berkeley, também é considerado um dos grandes nomes do empirismo, sua teoria entretanto pretendia afastar a concepção materialista do universo difundida por alguns pensadores. Concordando com Locke, Berkeley considerava que o conhecimento humano é conhecimento de ideia não de fatos. Contudo ideias são uma espécie de sensação obtida juntamente com experiência dos sentidos, para Berkeley apenas temos ideia das coisas particulares que vemos e tocamos. Neste ponto o filosofo se afasta do pensamento de Locke, afirmando que não existem ideias abstratas como por exemplo a ideia de homem. Apenas usamos uma palavra para designar uma coisa percebida em particular, essa teoria nominalista conduz Berkeley a afirmar que não existem substancias independentes de nossas sensações, daí a sua máxima se é ser percebido. Mas se os objetos materiais só existem na medida em que são percebidos como ficam as coisas que nesse momento não estão sendo olhadas por ninguém, uma arvore em uma floresta inabitada não deixa de existir certo? É neste ponto que Berkeley retoma a concepção de Deus como criador de ideias. Mesmo que uma coisa não esteja sendo vista por nós, ela existe na medida em que é percebida por Deus que tudo vê ao mesmo tempo, a filosofia de Berkeley é chamada de fenomenalismo e parece se afastar das demais doutrinas empiristas assemelhando-se aos sistemas racionalistas de Spinoza e Leibniz. Afinal Berkeley mantem a posição de Deus como fundamento de nosso conhecimento, contudo o filosofo irlandês mantem o princípio empirista do conhecimento como causa da experiência sensível.

Parte 9

Chegamos ao fim dessa webaula, onde você pode conhecer uma parte importante da história da filosofia relacionada a teoria do conhecimento. O debate entre racionalismo e empirismo é um tema fundamental para compreensão do pensamento moderno. Mas apesar de estar em lados opostos, ambas correntes mantém um ponto em comum, tanto o racionalismo como o empirismo procuram fundar o conhecimento em condições universais e necessárias, o racionalismo aposta na presença de Deus como regulador de nosso representações racionais. Já o empirismo mantem a objetividade da natureza sensível como fundamento da objetividade de nossas ideias, esta fundação do conhecimento em condições necessárias e universais é uma das principais características do pensamento metafisico que marcou a filosofia moderna, e que começa a ser questionado com o ultimo expoente do empirismo inglês David Hume. Mas essa já é outra história, ficamos por aqui um abraço.